

Gênese das funções psíquicas: a formação do pensamento

Genesis of the psychic functions: the formation of the thought

Rosangela Trabuco Malvestio¹

rosetms2000@yahoo.com.br

Resumo

Este artigo tem por objetivo discorrer sobre a gênese do psiquismo humano, especificamente, o pensamento. O procedimento técnico utilizado foi a pesquisa bibliográfica, pautada nos autores da teoria histórico-cultural, como Vygotsky (1987), Luria (1979), Leontiev (1978), dentre outros, que entendem a constituição das capacidades intelectivas humanas como um processo social, que ocorre graças às trocas entre pessoas e entre pessoas e objetos. Para tanto, em um primeiro momento, destaca-se a gênese da história da hominização e, nesse contexto, a vida em grupo e o trabalho, como condição para a atividade consciente do homem. Na sequência, discorre-se sobre a linguagem que, por sua vez, origina-se e se desenvolve devido às relações sociais experienciadas no trabalho. Segundo Leontiev (1978), do momento inicial até chegar à linguagem codificada, o processo de desenvolvimento da comunicação passou por três grandes etapas. Por fim, conclui-se que a vida em grupo, o trabalho e a linguagem, contribuíram para a formação das funções psíquicas superiores dos seres humanos, sendo a linguagem primordial nesse processo, pois ela forma, organiza e comunica o pensamento.

Palavras-Chave: Pensamento, Linguagem, Trabalho, Vida em grupo

Abstract

This article aims to discuss the genesis of the human psyche, especially the thought. The technical procedure used was the literature on the theme, based on historical-cultural theory authors, as Vygotsky (1987), Luria (1979), Leontiev (1978), among others who understand the constitution of human intellectual capacities as a social process, which occurs due to the exchanges among people and between people and objects. Therefore, it highlights the genesis of the human evolution history and the group life, the work, and the language as conditions for man's conscious activity. Following this thought, the text runs along the language that, in turn, originates and develops itself due to social relations experienced at work. According to Leontiev (1978), from the beginning until reach the coded language, the communication development process went through three great steps, which are detailed in this item. Finally, it is concluded that the group life, work, and language have contributed to the formation of higher mental functions of

¹ Pedagoga, mestre em Educação pela Universidade Estadual de Maringá, professora do Colegiado de Pedagogia – Unespar-Paranavaí.

humans, and the language is one of the most important point in this process because it forms, organizes and communicates thinking.

Keywords: Thinking, Language, Work, Group life

1. Introdução

Diante dos grandes avanços científicos e tecnológicos, o pensamento humano tem sido estudado e mapeado. Os estudos da neurociência têm contribuído para um melhor entendimento das funções psíquicas superiores, tais como a atenção, concentração, percepção, memória, dentre outros. No entanto, para que os seres humanos chegassem ao nível de desenvolvimento intelectual atual, foram necessários alguns milhares de anos de adaptação, construção e reconstrução da materialidade circundante e conseqüentemente de seu psiquismo.

Dessa forma, o objetivo deste artigo é reunir elementos, por meio de pesquisa bibliográfica, a fim de explicitar como se deu o desenvolvimento do pensamento humano, nos primórdios da civilização. Pautado nos autores da teoria histórico-cultural, como Vygotsky (1987), Luria (1979), Leontiev (1978), dentre outros, destaca-se a gênese da história da hominização e, nesse contexto, a vida em grupo e o trabalho como condições para a atividade consciente do homem. Discorre-se sobre a linguagem que, por sua vez, origina-se e se desenvolve devido às relações sociais experienciadas no trabalho, destacando que o processo de desenvolvimento da comunicação passou por três grandes etapas.

2. Gênese das funções psíquicas

De acordo com os postulados de Vygotsky (1987) e seus colaboradores, o homem nasce um humano do ponto de vista físico. Porém, no que se refere aos caracteres psíquicos, ele precisa constituir-se como tal. Nesse sentido, há que se apropriar das potencialidades presentes na sociedade da qual faz parte. Como escreve Leontiev (1978, p.267, grifo nosso), “[...] **cada indivíduo aprende a ser homem**” e, para tanto, não bastam os fatores herdados biologicamente – que, aliás, são continuamente modificados nas e por meio das relações de trabalho –, como também não é suficiente a ação educativa tomada em si mesma. O homem só se humaniza no convívio social, graças às trocas entre

pessoas e entre pessoas e objetos. Está-se afirmando que, por intermédio das relações que o homem mantém em sociedade, de suas experiências, bem como da sua atividade material, é que ele tem a possibilidade de se tornar um ser humano distinto dos outros animais.

Desde o momento em que nasce, a criança forma o seu comportamento sob a influência das coisas que se formaram na história: senta-se à mesa, come com colher, bebe em xícara e mais tarde corta o pão com a faca. Ela assimila aquelas habilidades que foram criadas pela história social ao longo de milênios.[...] A grande maioria de conhecimentos, habilidades e procedimentos do comportamento de que dispõe o homem não são o resultado de sua experiência própria, mas adquiridos pela assimilação da experiência histórico-social de gerações [...]. (LURIA, 1979, p.73)

Se, ao nascer, o indivíduo for isolado do convívio social, as funções psíquicas, especificamente humanas, não se desenvolvem. Tais considerações podem ser ilustradas com o conhecido fato relatado, que aconteceu na Índia, aonde foram encontradas duas meninas, vivendo com uma manada de lobos, as chamadas meninas-lobo. Quando foram localizadas, elas não tinham desenvolvido comportamento humano ou qualquer característica psicológica típica do homem. Andavam com o apoio das mãos, não falavam, se alimentavam como lobos (carne crua ou podre), não sabiam utilizar instrumentos e utensílios básicos como garfo, colher, copo etc.². Esse fato é um bom testemunho de que a constituição do humano não se dá fora do âmbito das relações sociais. Sua racionalidade é, antes, a racionalidade de um povo, de uma cultura, em uma determinada época. Tal característica difere o homem dos outros animais. Sozinho, ele sequer sobrevive.

Segundo Lúria (1979), o processo de humanização pressupõe a existência de seres organizados coletivamente, estabelecendo relações entre si e com a natureza. Tal processo está assentado, portanto, no trabalho, definido como a ação do homem sobre a realidade material e, por conseguinte, sobre si próprio, quer dizer, sobre a realidade subjetiva. Para satisfazer suas necessidades, o homem atua sobre a natureza, utilizando-se, inicialmente, de objetos nela disponíveis – pedras, galhos, ossos de animais etc. – e, depois, de instrumentos construídos por ele no intuito de facilitar sua vida diária. No e por

² Maiores informações ver DAVIS, C; OLIVEIRA, Z. (1991).

meio do trabalho, o homem produz conhecimentos que, por sua vez, são transmitidos para seus descendentes, por gerações, donde decorre a história do homem e da humanidade.

A sociedade e, nela, o homem são assim entendidos como polos indissolúveis e em permanente transformação. A história da hominização, revisitada de maneira breve, parece simples, mas, até chegar ao estágio atual, o homem precisou passar por alguns milhares de anos de adaptação, construção e reconstrução da materialidade circundante, de si e, por conseguinte, do seu psiquismo.

Como foi dito, o trabalho é o fundamento do homem. De acordo com Friedrich Engels (1984), essa atividade objetivo/subjetiva só poderia surgir entre uma espécie que vivesse em grupo, posto que implica, desde o início, em interação, troca e comunicação. A vida em coletividade pressupõe o enfrentamento de problemas e a satisfação de necessidades. E é na luta por vencer os desafios – uma luta experienciada socialmente – que as funções psíquicas, tipicamente humanas, se desenvolvem. Nos primórdios da civilização, quando um grupo saía para caçar, deparava-se com um desses problemas, pois, para que obtivesse êxito na atividade, era necessária a comunicação, por meio da qual se definiam os papéis entre os membros do grupo.

A divisão da caça, por certo, foi outra atividade que forçou tanto o uso de instrumentos, como o aparecimento da linguagem. Uma divisão facilitada pelo emprego de objetos cortantes disponíveis na natureza, como lascas de pedra e, posteriormente, o emprego de instrumentos fabricados para esse fim. Quando um objeto, derivado da ação de trabalho, ganha outro sentido que não o que lhe é natural, ou seja, quando uma pedra não é usada mais como pedra, mas sim como faca, o emprego desse objeto deixa de ser guiado por motivo apenas biológico, para ser orientado, predominantemente, por uma razão social. O uso e o fabrico de objetos requer e, nessa medida, faculta o desenvolvimento de habilidades visomotoras, de capacidades intelectivas e de relacionamentos afetivos.

O trabalho foi a primeira condição para a atividade consciente do homem. A segunda condição foi a linguagem que, por sua vez, se origina e se desenvolve devido às relações sociais experienciadas no trabalho. Primeiro, o

trabalho, e depois, a linguagem, são os fatores responsáveis pelo desenvolvimento das funções psíquicas superiores do homem. Como diz Engels (1984, p.8), “[...] o trabalho é o fundamento da vida humana [...]. O trabalho criou o próprio homem”.

Para entender o surgimento do trabalho, bem como seu papel no desenvolvimento das funções psíquicas superiores, faz-se necessária uma breve retrospectiva na história da civilização. No período denominado Terciário, nossos antepassados, os proto-hominídeos³, viviam em árvores e suas mãos eram ocupadas com o movimento de preensão (segurar nos galhos das árvores, apanhar frutas etc.), como os símios atualmente (ENGELS, 1984).

Pode-se pressupor que, ao redor dessas regiões florestais, comenta Engels (1984), existiam locais menos arborizados, e, possivelmente, alguns membros do grupo se aventuravam pelas planícies, adaptando-se à vida longe da segurança que as árvores forneciam. Com menos árvores, eles foram obrigados a viver no chão, a exercitar a marcha, adquirindo maior firmeza nos pés que, ao serem mais utilizados, transformaram-se em órgãos rijos de sustentação, trazendo consigo mudanças pélvicas provocadas pela postura ereta e pela forma bípede de andar.

Por sua vez, as mãos ficaram livres da tarefa de preensão dos galhos, podendo envolver-se em atividades demandadas pela vida na terra, como manusear coisas, caçar, apanhar e segurar alimentos, dentre outras, ganhando em destreza e habilidade. Nos momentos de perigo, eram utilizadas, agora para empunhar pedaços de pau ou lançar pedras na direção do inimigo num gesto de defesa. Pois bem, os pés e as mãos não são órgãos desconectados do corpo. Ao contrário, só existem e operam no conjunto com outros órgãos. Isso significa dizer que, qualquer transformação em uma parte, repercute no todo. “Quando a mão ficou livre da preensão das árvores, podia evoluir em destreza e habilidade, qualidades que iriam se transmitir por hereditariedade e aumentar a cada geração” (ENGELS, 1984, p. 11).

Aliado a esse fator, os proto-hominídeos, que até então eram vegetarianos, pois só se alimentavam de arbustos e frutos, ao descerem das árvores para o chão, começaram a ingerir pequenos animais. A nova maneira

³ Termo utilizado por Oakley (1984), para denominar o ancestral mais antigo do homem.

de viver acarretou mudanças nos hábitos alimentares desse grupo, os quais beneficiaram particularmente o cérebro. A ingestão de proteína animal favoreceu o aumento da massa encefálica, bem como das conexões neuronais (LINTON, s/d).

A dieta carnívora permitiu acumular mais energia com menos comida. Diferentemente de seus antepassados herbívoros, que necessitavam comer constantemente, o hominídeo carnívoro aumentou seu tempo e o dedicou à caça. Em decorrência dessa mudança no modo de viver, surgiram novos hábitos, novas habilidades e aptidões psicofísicas. Esse ser, em processo de hominização, foi adaptando-se a diferentes regiões climáticas e fabricando instrumentos que se diversificaram concomitantemente às novas necessidades. O homem, que se autocriava, distinguia-se cada vez mais no reino animal, elevando-se sobre as demais espécies.

Em síntese, o viver em grupo, a posição vertical, a liberação das mãos da atividade de preensão são fatos que, juntos, prepararam para o surgimento do trabalho. As relações entre o hominídeo e o meio se estruturaram e se intensificaram, donde decorreu a transformação em ambos.

As dificuldades da vida na terra, explica Engels (1984), fizeram com que os membros do grupo se unissem em comunidades, cooperassem uns com os outros, para garantir a segurança e sobrevivência da espécie. Alguns podiam se encarregar de afugentar os predadores ou caçar, enquanto outros cuidavam do fogo. Iniciava-se, assim, a divisão natural do trabalho por meio de tarefas a serem executadas pelos membros do grupo.

Leontiev (1978), na mesma linha de raciocínio de Marx e Engels (1987), postula que o trabalho é o processo que liga o homem à natureza; é o processo de ação do homem sobre a natureza. Quando o hominídeo começou a fabricar instrumentos para o seu proveito, modificando o estado natural tanto do objeto como de si mesmo, nasceu o trabalho. O processo de elaboração de tais instrumentos foi partilhado pelos membros do grupo, bem como apreendido e transformado pelas gerações posteriores, de modo que o trabalho não afeta e transforma apenas quem o executa, mas também os que o presenciam.

Devido à divisão do trabalho, quando um membro do grupo realizava sua parte na atividade, estava satisfazendo uma necessidade, a um só tempo, sua e

do grupo. E, não raro, desempenhavam-se tarefas que, vistas isoladamente, contrariavam o objetivo final desejado. Exemplificando, quando um grupo saía para caçar, e um membro ficava responsável por assustar a caça em direção aos outros que estavam escondidos para apanhá-la, esse ato, em si, retirava a possibilidade de apanhá-la, pois a lógica é que, ao se amedrontar a caça, por instinto, ela fugirá, contrariando, pois, a satisfação da necessidade básica daquele que executou a tarefa. Esse ato só faz sentido, se visto no processo coletivo de caça, graças ao qual ele recebe sua parte da presa (LEONTIEV, 1978).

Nesse momento, o objeto da atividade (caça) se separa do motivo, isto é de seu objetivo (saciar a fome), denotando consciência das implicações da ação. O ato de assustar a caça não implica apenas no entendimento da relação entre o motivo dessa ação particular e o objetivo maior, exige que se tenha consciência, também, do significado da ação. Essa atividade, em que o objeto e o motivo não coincidem e que, portanto, se justifica apenas se tomada no seio de um processo global de trabalho, reflete ligações sociais para além das naturais; reflete a formação de funções psíquicas caracteristicamente humanas, dentre elas, o pensamento.

Quando o alimento passou a ser não apenas percebido praticamente, mas também concebido teoricamente, ele pôde ser conservado na consciência, pôde tornar-se ideia. Sem dúvida, as relações de trabalho e as capacidades por elas criadas se efetivaram com a ajuda da confecção de instrumentos. Leontiev (1978) considera que a fabricação de um instrumento é precedida pela consciência de sua finalidade, do emprego que se fará dele. Os primeiros reflexos psíquicos da realidade se formaram na ação movida ainda por instinto. Mais precisamente, foram sendo constituídos com base na internalização dos resultados das ações. Ao atirar uma pedra em um animal para afugentá-lo, por exemplo, as consequências desse ato foram apreendidas e associadas – apoiadas diretamente nos fatos concretos –, estabelecendo-se no plano do pensamento.

A preparação de instrumentos demandou uma série de procedimentos que levaram a várias operações auxiliares. Tais operações representaram uma nova estrutura na atividade consciente do homem. Quando o homem se

apropriada de instrumentos, de objetos disponíveis em uma cultura, ele está se apropriando de experiência, de conhecimento elaborado no decurso do trabalho coletivo. A consciência, destaca Leontiev (1978), é um produto histórico e só poderá se desenvolver em condições em que a relação do homem com a natureza seja mediatizada pelo trabalho, pela relação com outros homens. As representações são sempre expressões conscientes das relações sociais. Marx e Engels (1987) postulam que a consciência é fruto da experiência concreta dos homens, juntamente com a atividade material e a linguagem.

A atividade consciente do homem é o resultado de novas formas históricas de trabalho. “[...] O conhecimento humano, assente inicialmente na atividade instrumental de trabalho, é capaz, diferentemente da atividade intelectual instintiva dos animais, de passar ao pensamento autêntico” (LEONTIEV, 1978, p. 84). O pensamento é o reflexo consciente da realidade, inclusive de coisas e situações que não são, de modo concreto, perceptíveis, mas que podem ser abstraídas mentalmente. Quando o homem sabe que a água está envenenada, exemplifica Luria (1979), mesmo com sede, não a beberá, pois ele consegue abstrair a situação e prever as consequências de beber a água envenenada. Já os animais, por agirem instintivamente, bebem-na e morrem, não importando o seu estado de conservação.

A atividade mental não se limita à percepção sensível do objeto. Esse não é apenas forma ou cor, antes, sim, existe como reflexo consciente da realidade. Porém, para chegar à abstração, o pensamento foi sendo elaborado concretamente. Antes de ser abstração, ele se formou e se forma com base na linguagem e nos objetos. Os homens produzem objetos para satisfazer suas necessidades e os nomeiam, pela linguagem, conforme o que representam. O trabalho é o elo entre a palavra e a linguagem, além de ser a condição primordial para o desenvolvimento de ambas.

De acordo com Luria (1979), a linguagem é a segunda condição para a formação da atividade consciente, da estrutura psíquica do homem. Uma estrutura que se origina nas e por meio das relações de trabalho, cujos primórdios remontam ao período de transição da história natural à história social.

Essa forma de linguagem não está presente nos animais; é exclusivamente humana. O animal demonstra sentimentos de dor, perigo, fome etc. que podem ser percebidos por outros animais. No entanto, a linguagem empregada por eles nunca designa ideias e ações. Nos primórdios da civilização, a linguagem dos ancestrais do homem apresentava as características da comunicação animal. Com a divisão natural do trabalho, tais características foram sendo reprimidas e substituídas por outras, socialmente elaboradas. Mesmo assim, ainda são encontradas nos bebês (THAO, 1974).

Conforme Leontiev (1978), os primeiros sons transmitidos pelos hominídeos eram grunhidos, gritos, que acompanhavam as ações de trabalho. Desse momento inicial até chegar à linguagem codificada, à palavra, o processo de desenvolvimento da comunicação passou por três grandes etapas.

Investigando a origem da consciência e da linguagem, Trãn Duc Thao (1974) e Leontiev (1978) concluem que, num primeiro momento, a linguagem é o próprio movimento de trabalho. A princípio, os proto-hominídeos não se comunicavam uns com os outros através da linguagem sonora. Como o trabalho era realizado em coletividade, os movimentos executados por alguns, como, por exemplo, o de friccionar um pedaço de pau entre as mãos, o de lapidar um dos lados de uma pedra, eram presenciados e apreendidos pelos demais membros do grupo. Tais movimentos se faziam acompanhar de sons desarticulados, mas, o que, efetivamente, comunicava ao outro o que estava sendo feito, eram os movimentos de trabalho. Os que não participassem da ação não saberiam o que havia se passado, posto que não presenciaram a prática na qual o ato, o movimento, ganhava sentido.

Num segundo momento, a comunicação se apoiava no gesto. Thao (1974) postula que, em um estágio posterior do desenvolvimento, o hominídeo sentiu necessidade de comunicar, aos que não participaram de uma determinada atividade de trabalho, o que havia acontecido, o que resultara da atividade. Para tanto, valeu-se dos movimentos de trabalho, repetidos na forma de gestos, que conservavam o sentido adquirido na atividade prática. Estava criada a linguagem gestual, que seguia acompanhada de sons pouco elaborados. A comunicação se descolou da atividade concreta do trabalho, fixando-se no gesto. A mão, quando apontava para uma pedra, designava o

objeto para o qual se voltava, ou mesmo, quando imitava o movimento de lançar um objeto na direção de algum animal, poderia representar um fato ocorrido ou, ainda, um outro ato a ser praticado. A comunicação predominantemente gestual perdurou por muitos milênios, até que, emitindo apenas os sons, que antes acompanhavam os gestos, o homem conseguiu designar algum objeto ou situação.

Esse é o terceiro momento do desenvolvimento da fala. O homem não precisava mais do gesto para que outros pudessem entendê-lo, bastava a palavra. Quando o homem emitiu algum som e apontou para o objeto, e, nesse momento, um outro olhou para ele e repetiu o mesmo som, esse objeto passou a ter um nome que o designava com sentido. A linguagem oral se separou da ação prática, adquirindo independência. Estava criada a linguagem sonora, como um sistema de códigos independentes. A princípio, eram usadas apenas palavras soltas que, em função das relações sociais, iam sendo encadeadas, compondo frases (THAO, 1974).

O sistema de códigos linguísticos teve papel preponderante e decisivo para a formação do pensamento humano, propiciando três mudanças essenciais à atividade consciente. Permite conservar objetos na memória, podendo pensá-los, sem precisar deles no plano concreto, ou seja, o homem pode pensar na toska faca, em suas propriedades e utilidades, sem precisar estar com ela em suas mãos, pois a faca existe como representação em sua consciência. Além disso, a linguagem dá origem e promove um mundo de imagens interiores, duplicando o mundo perceptível. E, por último, a linguagem, por meio das palavras, permite relacionar os objetos em categorias diferentes, abstraí-los e generalizá-los. Ao se pensar no relógio, vêm à mente humana os diferentes tipos e tamanhos de relógio que se conhece e que podem ser desde o relógio de sol até os digitais.

A linguagem não é, como acredita o senso comum, apenas um meio de comunicação. Ela forma, organiza e comunica o pensamento. É “[...] o mais importante veículo do pensamento que assegura a transição do sensorial ao racional, da representação de mundo” (LURIA, 1979, p.81). A linguagem guarda a experiência de gerações, formulada no decurso da história social. Ela guarda em si e, portanto, permite comunicar a outros o conhecimento, os valores, os

sentidos, o modo de ser e de pensar. Razão pela qual ela faz a mediação entre o individual e o social, num processo em que ambos se modificam.

Esses foram os elementos necessários para a formação do psiquismo humano, sendo que, após a criação da linguagem gestual e oral, o homem criou a linguagem escrita, o que permitiu que esse materializasse e preservasse por gerações sua história, acontecimentos e conhecimentos, que, por sua vez, é reflexo do pensamento.

3. Considerações finais

Ao revisitar brevemente a história humana, depreende-se que, para chegar ao estágio de desenvolvimento intelectual atual, foi necessário um longo processo de desenvolvimento, no qual a vida em grupo, o trabalho e a linguagem foram fundamentais. O pensamento humano, bem como todas as demais funções psicológicas superiores, são produtos das relações sociais, do processo de trabalho e da comunicação que se estabelece entre os homens e entre eles e a realidade objetiva.

Pelo trabalho, o homem assimila a matéria, dando-lhe forma, de modo a atender às suas necessidades e, nesse processo, modifica a si próprio, desenvolvendo faculdades antes inexistentes. Pela necessidade de compartilhar o que acontecia na caça, no momento de confeccionar os utensílios utilizados, ou os acontecimentos diários, o homem criou a linguagem – a princípio gestual e depois por palavras.

Conclui-se que as funções psicológicas superiores se formaram pela vida em grupo, pelo trabalho e pela linguagem, sendo a linguagem o fator preponderante para o atual estágio de desenvolvimento intelectual humano, pois, segundo autores da teoria histórico-cultural, é ela quem organiza o pensamento.

Referências bibliográficas

DAVIS, C; OLIVEIRA, Z. *Psicologia na educação*, São Paulo: Cortez, 1991.

ENGELS, F.O papel do trabalho na transformação do macaco em homem. In: *O papel do trabalho na transformação do macaco em homem*. 2ªed.São Paulo: Universidade Popular;Global,1984. p. 04-18

LEONTIEV, Aléxis. *O desenvolvimento do psiquismo*. Lisboa: Horizonte Universitário, 1978.

LINTON, R. *O homem: uma introdução à antropologia*. São Paulo: Martins, s/d.

LURIA, A. R. *Curso de psicologia geral*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979. V. I

MARX, K.; ENGELS, F. *A ideologia alemã*. São Paulo: Hucitec, 1987.

OAKLEY, K. B. O homem como ser que fabrica utensílios. In: *O papel do trabalho na transformação do macaco em homem*. 2ªed. São Paulo: Universidade Popular; Global, 1984.

THAO, T. D. *Estudos sobre a origem da consciência e da linguagem*. Lisboa: Estampa, 1974.

VYGOTSKY, L.S. *Pensamento e linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1987.